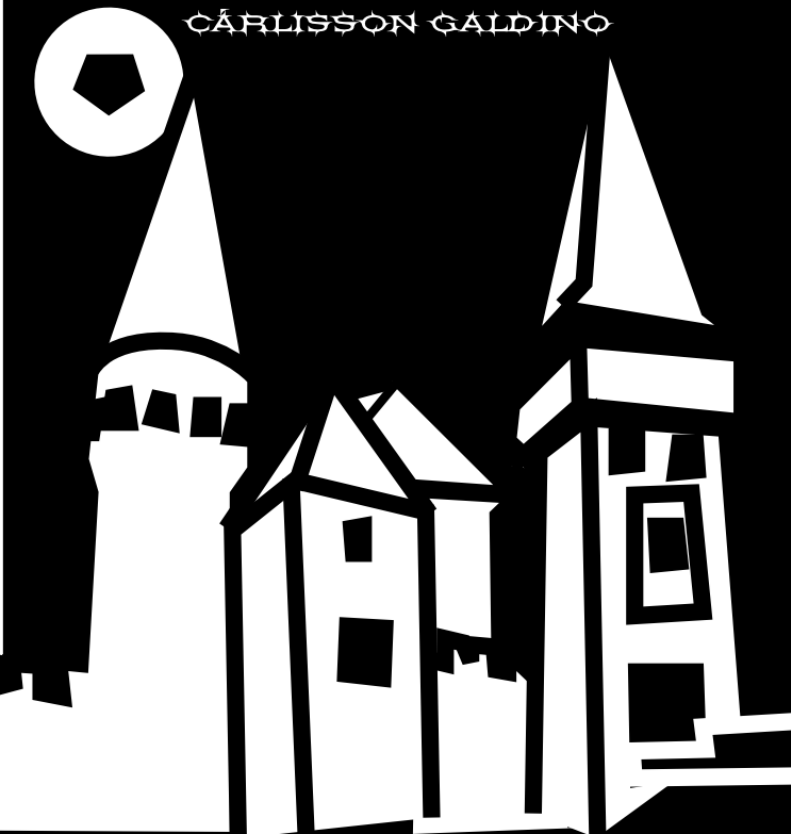
CORDEL
CASTELO
GÓTICO
CÁRLISSON GALDINO

Creative Commons

de maneira que sugira que estes concedem qualquer aval a você ou ao seu uso da obra).

- **Uso não-comercial** - Você não pode usar esta obra para fins comerciais.

- **Compartilhamento pela mesma licença** - Se você alterar, transformar ou criar em cima desta obra, você poderá distribuir a obra resultante apenas sob a mesma licença, ou sob uma licença similar à presente.

Cárlisson Borges Tenório Galdino

Cárlisson Galdino nasceu em 1981 no município de Arapiraca, Alagoas, sendo Membro Efetivo da Academia Arapiraquense de Letras e Artes (ACALA) desde 2006, com a cadeira de número 37, do patrono João Ribeiro Lima.

Poeta, contista e romancista, possui um livro de poesias publicado em papel, além de dois romances, duas novelas, diversos contos e poesias publicados na Internet, em seu sítio pessoal: http://www.carlissongaldino.com.br/.

Como cordelista, iniciou publicando o Cordel do Software Livre, que foi distribuído para divulgação dos ideais desse movimento social.

Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Alagoas, onde hoje trabalha, é defensor do Software Livre e mantém alguns projetos próprios. Host do podcast sobre política e notícias Politicast: http://politicast.info/.

Literatura de cordel é um tipo de poesia popular especialmente no Nordeste brasileiro. Tradição de Portugal, os livretos deste tipo de poesia eram vendidos em feiras, pendurados em barbante (ou cordel).

O cordel Castelo Gótico é escrito em sétimas (estrofe de sete versos com rima x-A-y-A-B-B-A). A métrica adotada, porém, não é comum em cordéis e foi adotada devido ao tema: são os versos alexandrinos (12 sílabas poéticas).

2018

Castelo Gótico

Num reino muito longe, nonde nasce o dia
Onde vivos lamentam pela própria vida
Onde o dia no inverno quase não se nota
E no verão a noite vem despercebida
Em uma casa nem tão pobre, nem tão fina
Viviam dois amantes, e uma menina
Linda como o orvalho era concebida

Seus olhos eram claros num azul tão vivo
Que todo o azul do céu ficava envergonhado
De pele tão suave, cabelos em cachos
Como os de um anjo, de belo brilho dourado
Até quando chorava, sua voz tão pura
Soava tão bonita, com tanta ternura
Que caía a seus pés, todo o povo, encantado

O pai, homem do mar, pescador conhecido
De força e de prudência, em seu barco Dalila
A mãe, de uma família nobre e bem querida
Quem a conhece só elogios destila
E como um anjo lindo que desceu ao chão
Atraía de todos amor e atenção
Era a alegria mesmo, ela, de toda a vila

E assim, naquela vila, a criança Charlote
Deu seus primeiros passos sempre vigiada
Começou a falar as primeiras palavras
Sorria e brincava sem temer a nada
Mesmo com tantos mimos, se mantinha leve
Sempre se comportava bem como se deve
Sempre era ali na vila por todos amada

Era um tempo remoto, perdido no giro
Dos relógios que bravos atropelam horas
Charlote entra num mundo tão ruim e sofrido
Melhor talvez permanecesse estando fora
Pois nesse reino longe e sem instrução
Mais que rei, reinava maldade e ambição
E tudo o que não presta neste reino mora

E assim passou o tempo e Charlote cresceu
Aos nove anos de idade sempre bem querida
Por todos como antes, agora estudando
Bela e sonhadora, de mente sabida
Fazia a quarta série na Escola da Dinda
Trazia no sorriso a inocência linda
De quem ainda tem tanto a conhecer da vida

E todo mês saia ao menos uma vez
Com amigas da turma pra Rua Amarela
Sempre ia acompanhada da babá Larissa
Por mais que isso vergonha causasse a ela
Por mais que reclamasse de a babá a seguir
Sempre ia desse jeito pra se divertir
Tomar sorvete e conversar sobre novela

Sempre com mil amigas ao redor de si
Charlote adorava trabalhos de equipe
Ir à biblioteca, comprar cartolina
Criar um aparelho que só faz um bip
Tudo isso encantava essa criança doce
Adorava a escola, fosse como fosse
Ficava entediada quando tinha gripe

Todos professores gostavam de Charlote
Daquela menininha de olhar inquieto
Sempre feliz da vida e bem comportada
Estudiosa e sempre com alguém por perto
Levava estudo a sério, não faltava aula
Suas notas eram sempre as melhores da sala
Charlote era o orgulho de todos, decerto

Brincava de boneca, criava romances
Adorava as histórias de amor da TV
Começava a se achar controlada demais
Dizia que babás eram só pra bebês
Chorava em cada história, quando terminava
Nas cenas de romance sempre suspirava
Já sonhava com quando seria sua vez

Charlote foi crescendo e entrou na adolescência

As conversas com amigas já tinham outra cor

Falavam de possíveis pares que teriam

Falavam de possíveis histórias de amor

Foi Charlote notando nessa nova fase

Que na sua turma também tinha rapazes

E pouco a pouco tudo em seu mundo mudou

Bonecas trocadas por mais lindos vestidos

A nossa Charlote estava mais vaidosa

E mais bonita ainda, já adolescente

Cada vez mais bonita, mas alta e vistosa

Cuidava tanto da imagem, mas nem precisava

Pois vinha dela a beleza e ela se mostrava

Desde já o lindo broto de uma linda rosa

Mas mesmo com tanta mudança acontecendo
Essa mudança toda nunca afetou
Sua dedicação, responsabilidade
Na escola e nos estudos era um primor
Com um novo pensar, mesmo com isso tudo
Ela nunca ficou descuidada no estudo
Exceto quando viveu seu primeiro amor

Foi Amanda que certo dia aproximou
Ela de alguém lhe tirou todo o sossego
Ele lhe parecia encantador
Como era encantador aquele tal Diego!
Mas pouco foi o tempo pra poder notar
Que ele a traía, ela sem acreditar
Aprendeu como é cego esse tal do Amor

A dor da traição marcou a sua vida
Ela chorava um choro triste e abafado
Vieram outros rapazes mas, como Diego
Decepcionaram um pobre peito apaixonado
Mas no fundo ela continuava em paz
Pois mesmo com tudo de ruim que a vida faz
Sonhava ainda com o seu príncipe encantado

E foi aos vinte anos que apareceu
Na vila um nobre e elegante forasteiro
Filho de amigo da família dos seus pais
E o nobre por Charlote se encantou ligeiro
Charlote se encantou também por ele ao fim
E foi tão de repente, desse jeito assim
Que enfim teve início seu sonho derradeiro

Charlote ia se encantando mais e mais
Conrado era sempre nobre e educado
Aos pais da jovem pediu Charlote em namoro
De jeito tão cortês, tão nobre e refinado
E teve início um romance de tal jeito
Que Charlote sentia ser ele perfeito
Conrado seria seu príncipe encantado?

Sempre seguido pelos seus próprios vassalos
Iam com ele sempre para todo lado
Alguns armados, outros somente seguiam
Pois era sua guarda e grupo de empregados
Hospedado na casa de Dona Cleonice
Que não havia hotel ali que lhe servisse
Por isso ter a casa inteira alugado

E Charlote vivia desde então nas nuvens
Seu jovem coração estava apaixonado
Repleto de pureza e sonhos dos mais lindos
Que tinham só um nome, e o nome era Conrado
E sonhava dormindo, e sonhava acordada
Na vida ela já não se importava com nada
Só queria estar sempre e sempre ao seu lado

Era sob os olhos de vários empregados
Que se encontravam os dois quase todo dia
Na praça mais arborizada da cidade
No mesmo banco verde, a mesma alegria
Falavam sobre planos, tratavam dos dois
Ao fim Conrado lhe pegava a mão, depois
Sempre um beijo proibido acontecia

Que sonho, que delírio, que céu, que divino!
Charlote mal podia então acreditar
Naquele dia em que chegou o seu Conrado
E ao seu pai pediu Charlote para casar
Dos casamentos, seria este o mais belo
A festa ia ser no seu próprio castelo
À festa iria todo mundo convidar

No mês de agosto daquele soberbo ano
Foi que aconteceu o esperado casamento
A cerimônia foi assim indescritível
Charlote admirada com cada momento
Admirada com tudo, era seu direito
Sentia ser cada momento tão perfeito
Que todo o tempo ao seu redor passava lento

O castelo também era quase outro sonho
Antigas pedras, esse ar de monarquia
Charlote andava sozinha por cada canto
Encantada estava desde o primeiro dia
O salão principal com velhas armaduras
O jardim magestoso, tantas flores puras
Tudo era um lindo sonho, ou lhe parecia

Diante do altar enfim estavam os dois
Um casamento de tamanha produção
Foi feito na capela do próprio castelo
Estava cheia e era grande a emoção
E tudo era tão lindo, tudo tão perfeito
Que à tal pergunta que o padre tinha feito
Como é que podia Charlote dizer não?

Casaram-se então Conrado e Charlote
Foi até tarde a festa, todos no salão
À noite foram os dois para o novo quarto
Viveram uma noite de febre e paixão
Agora que Charlote já estava casada
Pela primeira vez na vida era explorada
Por um homem, conforme manda a tradição

Conrado se mostrava um nobre conhecido
Charlote doce e de beleza sem medida
E os dois seguiram juntos depois de casados
Como um casal enamorado na vida
Porém aos poucos algo incerto foi mudando
Alguns amigos do Conrado iam chegando
E mais e mais se via por ali bebida

E tudo começou assim bem devagar
No princípio Charlote não quis falar nada
Mas achou muito estranho na hora em que viu
No momento em que descia aquela escada
Seu marido e mais oito estavam no salão
Bebendo e se espalhando loucos pelo chão
Chorando, ela voltou ao quarto horrorizada

Mas esse era apenas o começo de tudo
Conrado parecia agora possuído
Na semana seguinte seus novos amigos
Eram amigas, era o álcool e a libido
Era a tragédia chegando de carruagem
De ver a cena, à Charlote faltou coragem
Chorava ao escutar cada louco gemido

O sonho de Charlote já estava invertido
Ela estava no teto antes, agora é piso
O casamento que parecia tão perfeito
Virou inferno o que antes era o paraíso
De dia, era solidão e sofrimento
As noites eram de pesadelo e tormento
"Que maldição me veio agora sem aviso!"

Um dia ela desceu pela escada ao salão
Sentada ali ficou quieta a assistir
Em soluços calados ela só olhava
O que sequer pensou que pudesse existir
Espalhados e nús estavam no salão
Sem pudor, eles faziam sexo pelo chão
A se lamberem loucos, a beber e rir

Conrado não ligava mais pro que devia
Somente as festas lhe ocupavam o pensamento
E cada vez mais loucas iam se tornando
E cada vez mais longe iam em seu intento
Aos poucos mais pessoas lá apareciam
Aos poucos se juntavam e se divertiam
E aos poucos foi ficando também violento

Charlote finalmente resolveu falar
"Conrado, o que há nesse nosso castelo?"
Conrado respondeu: "Ora, só me divirto!
É bom viver a vida, é bom, por ela zelo
Um dia todos vamos morrer de velhisse"
E Charlote chorando apenas lhe disse
"Pois preferia antes: era tudo belo"

"Quem foi que transformou o meu nobre marido?
Que era tão gentil, tão nobre e educado?"
Conrado deu um tapa no rosto da esposa
"Mulher, não estou fazendo é nada de errado!
Só vindo cá conosco é que vai entender
Portanto amanhã venho buscar você"
Chorando ela dizia "Não é o meu Conrado"

Conforme prometido, no dia seguinte
Conrado foi buscar sua bela senhora
E levou para todos no salão da orgia
Que dela aproveitavam enquanto ela só chora
"Que foi que mereci pra viver essa dor?
Que foi que aconteceu com o sonho e com o amor?
Nada mais vale a pena, só a morte agora"

"Ela não se diverte", dizia Conrado
"Não tem costume de ter com tantas pessoas"
Conrado que falava ou era o álcool?
"Mas logo verá que tudo são coisas boas
Vamos lá na cozinha buscar algo mais
Para excitar Charlote, que chora demais
E vai sentir prazer, verá que chora à toa"

Suada e ofegante, em lágrimas doídas
Charlote estremeceu ao ouvir o que ouvia
E todos gargalhavam qual bando de hienas
Famintos de prazer que tudo lhes daria
Já eram mais de vinte por aquela noite
Trouxeram colher, faca, temperos, açoite
Mas era tudo estranho, só dor e agonia

Uns sobre os outros como zumbis que vêem carne

Queriam que Charlote sentisse prazer

Pra se juntar a eles na noite profana

Mas só a assustavam, e ela a tremer

Até que correu sangue através do seu busto

Queriam lhe dar prazeres a qualquer custo

Enfim a dor e a febre, e Charlote a tremer

Conrado gargalhava abraçado com duas

"Vê com quem me casei, mas que mulher vadia!

Nem mesmo acompanha a gente numa noite!"

Conrado gargalhava e Charlote morria

E a noite prosseguiu em coito, afago e beijo

E a noite prosseguiu, pois não morreu o desejo

Da turma de Conrado, que se divertia

No enterro, no outro dia, Conrado de luto

Era mesmo só roupa, pois o seu estado

Era de indiferença ao que acontecia

Sorria ao receber cada seu convidado

Nem a noite do enterro ele respeitou

Ao castelo rumaram e a festa continuou

Charlote enterrada sem o seu Conrado

Onde está a menina que era pura e meiga?

Onde está a mulher de jeito delicado?

Onde estarão seus sonhos de vida perfeita?

Onde estarão seus sonhos? O que deu errado?

Já não caminha mais aquela moça bela

Morava no castelo, hoje só resta a ela

Seu caixão de tábua, no jardim enterrado